

A menina do gato preto

Era uma vez um gato que tinha uma menina. Era um gato preto, com os olhos redondos e amarelos. A menina era magrinha, pequena, de olhos grandes e brilhantes, um pouco tristes. Chamava-se Maria.

A mãe penteou-lhe o cabelo aos caracóis, pôs-lhe um colar e disse-lhe: «Vai brincar para o quintal, mas não sujes o vestido nem os sapatos porque vem o teu pai almoçar e quero-te limpinha».

O gato saiu com Maria para o jardim e disse na sua voz rouca: «Limpinha, porquê? Afinal o pai anda sempre com uma bata suja de tintas de todas as cores! Deixa lá, Maria! Podes saltar os canteiros e, se caíres no saibro vermelho ou te encostares às folhas ferrugentas do limoeiro, não faz mal.»

O pai de Maria era pintor e pintava umas praias muito bonitas, com grandes areais claros, e o mar muito manso, e o céu transparente, com uma ou duas nuvens brancas, fininhas.

Maria olhou o gato com o seu olhar espantado e achou-o malcriado. Todos os gatos são malcriados. Altivos e respondões. E os gatos pretos são os piores. Os malteses ainda tocam piano e falam francês!

O gato correu à frente de Maria, trepou pelos galhos da japoneira e pôs-se a olhar a rua, por cima do muro alto. Maria, que não podia sair à rua sozinha, perguntou-lhe: «O que vês?»

«Meninos que vão para a escola. Meninos que gritam, falam muito alto e atiram pedras aos vidros das casas abandonadas, e aos gatos

que estão debaixo dos carros. Não gosto deles. Nem tu deves gostar. Se eles te vissem com esse vestido branco, riscavam-no todo com lápis de cor e com as pétalas das sardineiras vermelhas esmagadas.»

Maria pensou: «Ainda bem que tenho um quintal e não preciso de brincar na rua. É todo meu, e posso andar por estes caminhos, cheios de sombras, a fingir que vou a casa de uma amiga, à mercearia, ao cabeleireiro ou à praia...» O gato saltou de repente da japoneira e deu uma corrida até ao fundo do quintal. Maria correu atrás dele e tropeçou na cadeira de verga da boneca, que ficara esquecida no coradouro... caiu sobre a erva tenra e húmida, e ao levantar-se viu o vestido branco cheio de riscos verdes... os seus olhos encheram-se de lágrimas, pensando nas advertências da mãe, ainda há pouco.

O gato olhou Maria sem se comover e disse-lhe: «Se tivesses vestido o teu vestido verde, já não se notava nada. Por que não o vestiste? Um vestido branco é só para tirar uma fotografia, ou para o dia da comunhão, ou para estar sentada na sala a ouvir a mãe tocar piano!»

Nisto, a sineta do portão tocou. Era o pai que chegava do *atelier*. Entrou e pegou na filha ao colo, olhou para o vestido e disse-lhe: «Que bonita pintura tem o teu vestido! Parece um campo de neve com ervinhas a espreitar!» Maria sorriu e fez uma festa na barba do pai. E o gato miou e roçou-se dengo na perna do pintor.

ABRIU A CAÇA AO PIRATA

*O clandestino. A morte do Barba Negra. O tenente Maynard.
Mais más notícias. Uma iguana.*

2

Pouco depois o Grande Tom apareceu com um negrito debaixo do braço como se fosse um ananás. Pô-lo no chão diante de Rackam. O miúdo não resistia. Parecia contente. Queria brincar.

– Encontrei-o escondido no porão – disse o Grande Tom. – Diz que quer ser pirata.

Rackam encolheu os ombros.

– Que sabes tu que nos possa ser útil? – perguntou-lhe.

– Vou contar a morte do *Barba Negra*.

Isto interessou a tripulação, sobretudo Rackam, que se levantou e avançou para ele.

– Fala já – disse, ameaçador. – E conta tudo.

– Nasci em Nassau, chamo-me Américo. Tenho talvez catorze anos. A minha mãe é escrava, mas eu sou livre. O meu pai era escravo, mas morreu. Tive um irmão gémeo, mas também morreu. Os meus primos vivem em...

– Deixa os primos – disse Rackam. E olhou a direito para ele. Américo saltou algumas etapas.

– O governador da Virgínia mandou duas chalupas armadas caçar o *Barba Negra*. Estava no abrigo dele, em Ocracoke. O tenente

Maynard entrou lá e levou logo com uma surriada de tiros de canhão que matou uns trinta! Mas respondeu a tiros de escopeta! Depois remou para se aproximar dos barcos do pirata! Mas é que o *Barba Negra* estava muito mais bem armado do que ele e atirou-lhe com granadas! Atirou-lhe polvorinhos para o convés! Mas não havia lá ninguém! O Maynard estava escondido com os seus em baixo na coberta! O *Barba Negra*, ele tinha seis pistolas na bando-leira! E já tinha acendido os rastilhos de pólvora na barba e saltou para a chalupa do Maynard no meio daquela fumarada! E as barbas a arder, negras de fumo! Davam-lhe pela barriga, as barbas negras! Eram assim todas aos rolos e ele punha lacinhos nas pontas!

– Deixa as barbas – disse Rackam.

– Mas o Maynard não ficou com medo! – continuou o Américo. – E quando o fumo desapareceu, o Maynard subiu para o convés! Eram doze do Maynard contra catorze do *Barba Negra*. O Maynard levou logo um tiro do *Barba Negra*! E ele um tiro do Maynard! Mas continuou na mesma! Sacaram das espadas e lutaram! E no meio da luta a espada do Maynard partiu-se! Então o *Barba Negra* ia matar o tenente Maynard! E quando ia a matá-lo, veio um inimigo pelas costas e cortou-o no pescoço e na garganta! O *Barba Negra* caiu todo a esguichar sangue, mas levantou-se e levou mais cinco tiros! O mar em volta dos barcos estava todo cheio de sangue! E enquanto apanhava os tiros, o *Barba Negra* carregava as pistolas e continuava a disparar! Quando finalmente morreu tinha vinte e cinco ferimentos! Cortes e tiros e tudo! E depois o tenente Maynard mandou que lhe cortassem a cabeça! E mandou pendurá-la no mastro da frente!

Quando o Américo se calou, os piratas estavam todos de pé à volta dele. Houve um silêncio e Rackam disse:

– Que selvajaria! – Levou a mão ao peito e tirou o frasco de rum. Abriu-o, voltou a fechá-lo e a pô-lo no bolso sem beber.

– E foi sempre com a cabeça do *Barba Negra* pendurada no mastro todo o caminho até à Virgínia, receber o prémio do governador! Cem libras!

– Não é mau – disse o pirata tontinho.

– Temos todos a cabeça a prémio – disse o contramestre que, ao contrário do mestre, gostava de insistir nos aspectos negativos. – Estamos bem fritos.

Quando lhe pareceu que eles estavam prontos para ouvir mais, Américo recomeçou:

– Vi oito piratas enforcados, ao pé da grande muralha do forte em Nassau. Assim, balançando, ao vento.

E imitou os piratas, pendurados nas forcas, oscilando para trás e para a frente. Rackam sentou-se. Mary veio sentar-se ao lado de Rackam. Os outros ficaram em pé diante do rapaz. A iguana, muito devagar, virou para ele um olho esquisito.

– Vai com calma – disse Rackam.

A Pirata, Luísa Costa Gomes

Muropa

– Bom dia, âmbar anão – cumprimentava, eficiente, o Guardiã. – Dormiste bem, pequeno jasmim?

Todas as manhãs, o Guardiã acariciava com palavras, um a um, todos os seres e todos os objectos da sua colecção, ao mesmo tempo que lhes limpava o pó. O Guardiã das Coisas Pequenas tinha feito tudo e mais alguma coisa para conseguir as pérolas mais diminutas, os livros mais minúsculos e as conchas mais pequenas que houvesse no mundo.

O Guardiã das Coisas Pequenas, que já vivia desde que as coisas começaram a existir, recordava com saudade o tempo em que tudo, tudo, tudo era pequeno, pois ele acreditava firmemente que crescer não era maravilha nenhuma.

– Quanto maiores são as coisas, maiores são os problemas! – costumava resmungar. Era por essa razão que estava tão contente com as pequenas mãos que tinha: nelas não cabiam problemas muito grandes. Ele próprio não era mais alto do que uma criança de seis anos, embora tivesse imensa força.

Todo bem vestido com uma das suas dez jaquetas, uma das suas vinte camisas azuis e uma das suas quinze calças encarnadas, o Guardiã das Coisas

Pequenas ia à procura de novas peças. Viajava pelos países todos e procurava com os seus múltiplos olhos e com as lupas de aumentar todo o tipo de coisas que coubessem nas suas minúsculas mãos. Ficara com as costas ligeiramente curvadas de tanto procurar. Assistia a leilões de miniaturas, explorava as minas, esquadrihava praias e bosques, esgaravatava no lixo, introduzia-se de noite em museus e casas de colecionadores para trazer consigo tesouros quase invisíveis... E guardava tudo com extremo cuidado numa gruta cheia de espelhos onde nunca ninguém fora capaz de entrar.

Porém, os anos passavam e cada vez era mais difícil encontrar coisas pequenas. Já quase não procurava nas casas, pois, apesar de serem cada vez mais pequenas, cada vez guardavam coisas maiores. O Guardiã não conseguia que as flores e as árvores parassem de crescer, e a sua tristeza, também ela, crescia e tornava-se terrivelmente grande.

O Guardiã das Coisas Pequenas, que não era bom nem mau, mas que gostava mais das coisas pequenas do que de chocolate ou de voar, chegou até a roubar um bebé recém-nascido. Acreditava que, se o vigiasse constantemente, conseguiria que ele não crescesse. Mas não foi o que aconteceu. Portanto, quando o

bebê começou a gatinhar, foi devolvê-lo, tremendamente desgostoso. É claro que foi imediatamente preso.

– Então, senhor Guardião das Coisas Pequenas, o que é que alega em sua defesa? – disse o senhor juiz no caso do bebê roubado.

– Senhor juiz, eu só queria que a beleza daquele bebê durasse para sempre... – o Guardião não sabia se o juiz tinha filhos, mas já o tinha visto a passear perto do tribunal com um pastor alemão magnífico. – Já alguma vez teve nas mãos um cachorrinho? E não teve vontade que ele não crescesse? Não suplicou que ele ficasse assim, nas suas mãos, para sempre? Nunca pensou que a prodigiosa existência das coisas pequenas é uma denúncia gritante da insignificância e vaidade das coisas grandes? E não acha que as coisas, ao crescerem, só se estragam?

O juiz não compreendeu muitas daquelas perguntas, mas lembrou-se do seu cão Indubio¹ quando ele era ainda apenas um cachorro. Sim, chegou a desejar que o Indubio não crescesse...

– Senhor Guardião, fica absolvido das acusações que lhe fazem – disse o juiz, muito solene. – Mas não torne a roubar, senão vejo-me obrigado a prendê-lo numa cela diminuta. E então, veremos se ainda gosta de coisas pequenas...

¹ Há uma expressão em latim, *in dubio pro reo*, que significa «em caso de dúvida, aja-se em favor do réu».

O Guardião das Coisas Pequenas
Begoña Ono

O BOTICÁRIO

— Entrem, entrem! — disse uma vozinha esganiçada, vinda do interior da loja.

O Outono tinha começado há pouco, mas o seu testemunho já se fazia sentir. As manhãs tornavam-se cada vez mais frescas e os dias mais curtos. As folhas, amareladas e em tons cor de fogo, caíam delicadamente no chão, ou esvoaçavam transportadas pelo vento, por entre as ruas antigas da aldeia.

Ana, Maria e André encontravam-se em Castelo Novo, uma misteriosa aldeia histórica, no centro de Portugal. Outra misteriosa aldeia oferecida pelos monarcas portugueses aos Templários, tinha uma carta de foral tão antiga que já vinha de 1202.

A loja não era uma loja normal. Aliás, deveria tratar-se de uma farmácia, mas nem sequer tinha aspecto de farmácia. Olhando para o interior, fazia lembrar a fusão entre uma adega e uma antiga ervaçaria, com tecto em traves de madeira e paredes de pedra.

O enigma do Castelo
Templário

Alfama do Castelo

Os primos estavam ali a pedido do chefe dos escuteiros de André, Gaspar Valcourt, um canadiano de aspecto enigmático, responsável pelo grupo internacional de jovens. Queria um xarope para a tosse que o andava a incomodar há já várias semanas. Ainda não tinha tomado nada, mas de repente, ao acordar, viera-lhe a pressa, talvez por estar de cama há três dias.

— Então? Não entram? — voltou a insistir a mesma voz sibilar, ao aperceber-se da hesitação dos primos. — Não se enganaram, não! Esta é mesmo a farmácia da aldeia. Ou melhor, o boticário.

O boticário ficava a meio da Rua da Gardunha, a mais oriental de todas, a caminho da Igreja Matriz. Vista de fora, era uma casa antiga, feita de blocos de pedra granítica, que seguia a construção típica das Beiras: umas escadas levavam a um pequeno patamar, delimitado por uma grade de ferro batido e uma exígua porta de madeira com uma janela quadriculada no topo. Nada a distinguia das demais casas, informando os visitantes que se tratava de um boticário.

Os primos continuavam a espreitar lá para dentro, atropelando-se no patamar estreito. André decidiu-se, por fim, a entrar. Se aquela sempre era a farmácia da aldeia, boticário ou não, estavam no sítio certo. E o melhor era despacharem-se, pois Gaspar era um tipo muito azedo.

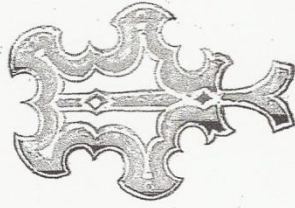
— Precisávamos de um xarope para a tosse... — pediu, passando a mão pelos cabelos lisos arruivados e tentando vislumbrar a proveniência da voz estranha, enquanto habitava os olhos à luz do compartimento, bem mais escassa que a exterior.

Ana e Maria seguiram-no, curiosas. Levaram algum tempo a transpor a soleira da porta, pasmadas a olhar para os inúmeros frascos que forravam as prateleiras do recinto.

Eram frascos antigos, como facilmente demonstravam quer a qualidade da cerâmica, quer as letras pintadas em cada um

deles. Nalguns casos o conteúdo era descrito em latim, noutros em português antigo, numa letra gótica muito desenhada, com ortografia anterior às reformas dos anos trinta, onde proliferavam os *ph*, os *th*, os *ae* e os *oe*.

Ana notou logo que alguns frascos tinham um símbolo estranho, pintado mesmo por debaixo da tampa. Fazia-lhe lembrar a cruz dos Templários, mas tinha cinco pontas, em vez de quatro, e um traço que a dividia ao meio. «O que significará? Talvez represente uma flor rara», pensou.



— Tosse devido a quê? — indagou a boticária, limpando as mãos a uma toalha de linho.

Devia ter mais de sessenta anos, um ar bem-disposto e um sorriso resplandecente, estampado entre as duas covinhas do rosto já um pouco enrugado. Tinha as costas ligeiramente arqueadas e vestia-se toda de preto, talvez por estar de luto, com uma saia e uma camisola muito simples e um lenço na cabeça, a cobrir-lhe os cabelos cinzentos.

Ana observou-a, curiosa. À primeira vista a senhora fazia-lhe lembrar uma feiticeira, com unhas compridas e olhos semi-cerrados, que logo imaginou à volta de uma bola de cristal gigantesca. Mas tal impressão devia-se, simplesmente, à presença daqueles frascos enigmáticos à sua volta.

O GRANDE CONGRESSO

Jack acordou e encontrou-se deitado de costas, a olhar para um céu muito azul. Estava em cima de algo macio e confortável, pelo que pensou, muito naturalmente, que morreria.

Mas os ouvidos faziam imenso barulho. Na verdade, perguntou-se por que motivo não aparecera São Pedro, ou o Espírito Santo, ou quem quer que fosse, para os mandar parar de discutir. Mais pareciam um enorme bando de aves a grasnir.

Aves!

Sentou-se, esfregou os olhos e observou o que o rodeava.

Estava sentado no meio da ilha, um pouco afastado do reservatório e da gruta-palácio, à sombra de um arbusto cujas folhas e ramos tinham sido todos entrelaçados por cima da sua cabeça.

Alguém se dera ao trabalho de juntar imensas folhas macias para ele se deitar, e mesmo a seu lado estava uma pilha de fruta, nozes e bagas.

— Comida! Graças a Deus! — exclamou e devorou tudo, sentindo-se logo muito melhor.

E havia aves por todo o lado: águias gigantes descendo círculos por cima, garças-reais à beira do reservatório, gralhas andando para cá e para lá, cotovias cantando no céu, flamingos, piscos, gaivotas, íbis de longos bicos curvos, um pelicano e até uma avestruz. Voavam, cantavam, debicavam, lavavam-se, sacudiam as penas, dis-

cutiam, cacarejavam, e faziam todas tamanha barulheira que Jack mal conseguia pensar.

Mas onde estava o Espantalho? Jack levantou-se, cobriu os olhos por causa do sol intenso, e olhou à sua volta. Viu a figura familiar do amo perto da praia, caminhando muito rígido, falando e gesticulando com dúzias de aves que o acompanhavam.

— Bem, diabos me levem — disse Jack para com os seus botões, e atravessou os arbustos para se ir informar.

— Jack, ora viva! — exclamou o Espantalho, acenando animadamente. — Finalmente acordaste! E como te sentes, meu caro criado?

— Bem, não sei, amo — respondeu Jack, encaminhando-se trémulo para o sítio onde se encontrava o seu amo.

Apesar de as aves não parecerem temer nada o Espantalho, afastaram-se quando Jack apareceu, e ele e o Espantalho puderam conversar sem que ninguém os escutasse.

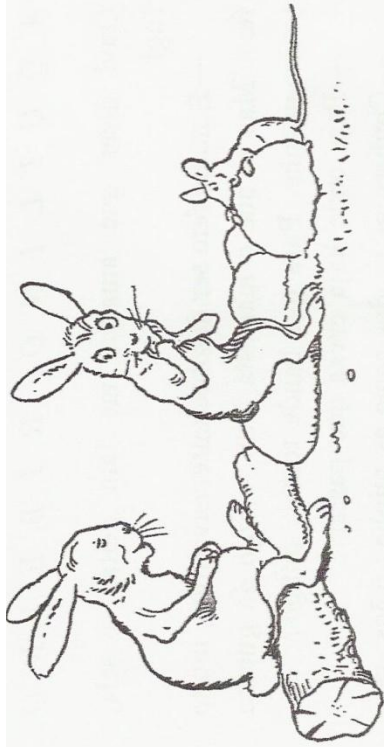
— Acho que ainda estou vivo — continuou Jack —, e os meus braços e as minhas pernas estão todos a funcionar, por isso calculo que esteja bem. Mas o que se passa, amo? De onde vieram as aves?

— Ah. Sucede que de dez em dez anos, o Rei e a Rainha escolhem um local para fazer o ninho e depois convocam todas as aves para o Grande Congresso. Muito simples, sabes; na realidade, é mesmo primitivo e de acordo com as suas mentes infantis. Mas ficaram tão satisfeitas com o palácio que construímos para elas que se recusaram a ir para outro sítio. Oh, e consegui que te deixassem ficar, e trazer-te fruta e nozes e isso. Disse que, se não fosse assim, não podia aceitar a medalha de ouro.

— Vão dar-lhe uma medalha de ouro? Isso é maravilhoso, amo!

Romanço da Raposa

Apilino Ribeiro



V

SENTADA por detrás das urzes, num oiteirinho, comadre raposa namorava os figos lampos que, de pança manteiguda e reboluda, pendiam duma figueira. Mas não longe andavam ceifeiros e receava que a vissem. Estava deitando cada olho aos figos, maior que os próprios figos, quando aconteceu passar por ali um potro baio, todo desenganado e farsola, com ar de quem fugiu à argola.

— Para onde vais, cavalinho? — perguntou ela na voz mais doce e fagueira.

— Para onde vou? Vou por esses mundos além.

A Q U I L I N O R I B E I R O

Ouvi dizer que amanhã me iam deitar a sela, fugi...

— É muito feio ser desobediente, cavalinho, muito feio. Mas já que o mal está feito, o anjo da guarda te acompanhe. Para que banda tomas, amigo?

— Para onde haja ervas que pastar.

— Conheço os prados como as minhas mãos: vem daí, que eu te ensino. Comeste tu hoje?

— Duas reles fêveras das ribanceiras. A caminho da almargem deixei-me ficar atrás até que pastor e manada me perderam de vista. Depois, trotei, trotei toda a santa manhã.

— Pois vem comigo, vou levar-te a um campo de relva onde poderás encher a pança.

— Abençoada sejas!

— O campo é além! Vês? Ao pé da figueira...? Mas como lá adiante andam os ceifeiros, que o Diabo leve, e podem desconfiar, é preciso que entres afoito, senhor de ti, como se fosse o amo que para lá te guiasse...

— Está dito, anda lá adiante.

— Não, tenho de marchar à tua ilharga por via de o sol não me bater nos olhos, que tenho catarata.

R O M A N C E D A R A P O S A

Assim fizeram. Abrigando-se com o vulto do cavalinho, não por mor dos olhos, que de finos faiscamam, mas para não ser lóbrigada pelos ceifeiros, a raposa chegou aos figos lampos, a meio do relvedo. E, a agatanhar para a figueira, disse ao poldro:

— Eu vou de mirante, cá para cima, não venham por lá aqueles homens ou teu amo. Pasta à vontade que, se houver perigo, eu boto alarme!

Embrenhou-se a zorra pela figueira e por lá andou tanto tempo que, à força de manducar, havendo subido lesta como um gato, desceu mais pesada que um pato.

— Vamos embora? — disse para o garraninho, que também já enchera o fole.

— Pois vamos na graça e boa paz.

Tocaram a andar e, andando, devido à confiança que o cavalo inspirava pelos caminhos de Cristo, a raposa pôde filar uma cotovia, que do céu descia, e uma perdiz cantatriz. Mas lá porque estivesse farta, de braços cruzados, palonça, deixou partir um musarinho que se lhe viera meter nas pernas, respondendo o imprudente:

— Vai, vai, desta estás perdoado!

Um lugar mágico ou como
salvar e Netwoze

Susana Tamaro

A MÃE GUENDY

O que era a felicidade?

Rick estava sentado no chão de um quarto todo branco e olhava para cima, para lá das grades que o separavam do céu. Aquele quarto não era a toca dele, não havia folhas quentes onde se pudesse deitar. Havia um chão de lajes. Eram tão lisas e tão frias como a superfície do lago gelado. Rick gostava de andar nu e de se rebolar na lama.

O que era a felicidade?

Desde que estava ali fechado, não se cansava de repetir aquela frase, como se fosse um refrão. O que era a felicidade, o que era a felicidade?

Uma vez, há muito tempo, fez a mesma pergunta a Guendy, a sua mãe adotiva. Estavam deitados numa clareira, era uma manhã de Maio, o ar estava morno e cheirava a flores.

— Mamã, o que é a felicidade? — perguntou.

A mãe pousou-lhe o focinho na testa.

— Meu querido — respondeu — não faças perguntas maiores do que tu. — Por que é que nesse dia não

tinha insistido? Agora, perto dele já não havia ninguém que pudesse responder-lhe.

Guendy era um pastor alemão e tinha quase seis anos. Da mãe — uma loba a sério — tinha herdado o pêlo cor de prata. Do pai — um pastor alemão — tinha herdado a cor dos olhos e o dom de ler no coração dos homens. O pai, Akira, era um cão-pólicia, um dos melhores. Graças ao seu extraordinário faro, descobrira muitas crianças que se tinham perdido no bosque, e foi quando andava à procura de uma criança que encontrou a sua futura mulher. Era Outono; de repente, ao farejar o solo de um bosque de faias, viu-a. Uma jovem loba. Fixou os seus olhos amarelos nos olhos de Akira. A toda a volta, à parte um pica-pau que andava por ali a debicar num tronco, reinava um silêncio absoluto. Akira nunca tinha visto um olhar daqueles. Havia ternura naqueles olhos, ternura e força. Quando estava para lhe perguntar como se chamava, ela voltou-se e desatou a correr. Corria rápida e ligeira como um banco de nevoeiro empurrado pelo vento. Sem hesitar nem um segundo, ele seguiu-a. No fundo do bosque, lá longe, muito longe, ouvia-se a voz do dono. Gritava: — Akira! — com quanto fôlego tinha nos pulmões. Mas Akira já não ouvia aquela voz.

Uns quilómetros depois, junto de uma grande cascata, Lua de Prata (era assim que ela se chamava) parou. Estava totalmente imóvel, só a cauda ondulava

no ar, como se quisesse dizer: «vem cá». Akira obedeceu logo. Com a cauda e as orelhas arrebataadas, deu dois passos na sua direcção. Ao tocarem-se, os focinhos húmidos fizeram *tchic*. Nesse instante, explodiu o amor.

— Três meses depois, numa gruta forrada de musgo — dizia Guendy sempre que contava a Rick a história dos pais — nasci eu e os meus irmãos.

Rick gostava de ouvir aquela história e não havia noite de Inverno que, no calor da toca, não pedisse a Guendy para lhe contar. — Ora, ainda não estás farto? — dizia-lhe ela. — Já a ouviste tantas vezes! — Mas Rick nunca se fartava. Enroscado junto do corpo quente da mãe, queria ouvi-la mais uma vez.

— E por que é que vocês nasceram? — perguntava sempre, no fim da história.

— Meu querido — respondia Guendy, corando sob o pêlo — nascemos porque eles amavam-se.

— E por que é que se amavam?

— Vá lá, já é tarde, tens de dormir — respondia então Guendy, empurrando-o com o focinho para a cama de folhas. Rick enfiava-se debaixo delas e, enquanto Guendy as ajeitava com as patas, perguntava outra vez: — E por que é que se amavam?

— Se te disser porquê, dormes? — perguntava Guendy.

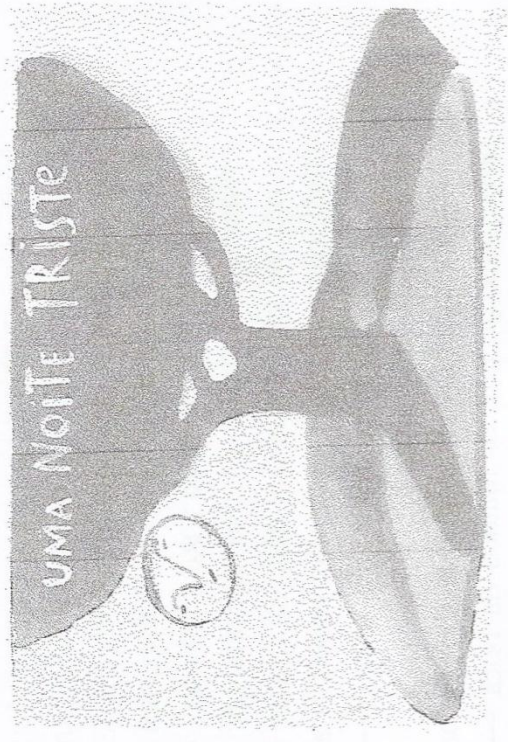
— Durmo, mamã — respondia Rick.

História de uma gaivota e

do gato que a ensinou a

volar

Luis Sepúlveda



À luz da lua, Secretário, Sabetário, Colonello e Zorbas cavaram um buraco ao pé do castanheiro. Pouco antes, procurando não ser vistos por nenhum humano, atiraram a gaivota morta da varanda para o pátio interior. Depositaram-na rapidamente na cova e cobriram-na de terra. Então Colonello miou num tom grave:

— Companheiros gatos, nesta noite de lua despedimo-nos dos restos de uma infeliz gaivota cujo

nome nem sequer chegamos a saber. A única coisa que conseguimos saber dela, graças aos conhecimentos do companheiro Sabetudo, é que pertencia à espécie das gaivotas argentadas, e que vinha talvez de muito longe, de lá onde o rio se junta ao mar. Muito pouco soubemos dela, mas o que importa é que chegou moribunda até à casa do Zorbas, um dos nossos, e depositou nele toda a sua confiança. O Zorbas prometeu-lhe cuidar do ovo que ela pôs antes de morrer, da gaivotinha que dele vai nascer e, o mais difícil, companheiros, prometeu ensiná-la a voar...

— Voar. Volume vinte e três, letra «V» — ouviu-se Sabetudo murmurar.

— É exactamente o que o senhor Colonello ia a dizer. Não lhe tires os miados da boca — aconselhou Secretário.

— ...promessas difíceis de cumprir — continuou, impassível, Colonello —, mas sabemos que um gato do porto cumpre sempre os seus miados. Para o ajudar a conseguir, ordeno que o companheiro Zorbas não abandone o ovo até a gaivotinha nascer e que o companheiro Sabetudo consulte a sua emplicopé... encimopé..., enfim, aqueles livros, tudo o que tiver que ver com a arte de voar. E agora digamos adeus a esta gaivota, vítima da desgraça provocada pelos humanos. Estiquemos os pescoços para a lua e miemos a canção do adeus dos gatos do porto.

Os quatro gatos começaram a miar uma triste litania ao pé do velho castanheiro, e aos seus miados bem depressa se juntaram os dos outros gatos das vizinhanças, e depois os dos gatos da outra margem do rio, e aos miados dos gatos uniram-se os uivos dos cães, o piar lastimoso dos canários engaiolados e dos pardais nos seus ninhos, o coaxar triste das rãs, e até os desafinados guinchos do chimpanzé Matias.

As luzes de todas as casas de Hamburgo acenderam-se, e naquela noite todos os seus habitantes perguntaram a que se deveria a estranha tristeza que subitamente se havia apoderado dos animais.

O ALGAR DO CARVÃO

Os dias passavam e Teodora aguardava com ansiedade o momento em que se encontraria com a sua irmã Ângela.

Certo dia, já muito próximo do Encontro Anual, Teodora chegou ao seu quarto e encontrou, na pequena mesa junto à janela, um baú do tamanho de uma caixa de sapatos envolto em minúsculas estrelas cintilantes. Na tampa, uma palavra estranha chamou-lhe a atenção: *scrimshaw*.

Pouco depois, percebeu que aquele baú só podia ser do mago Saramago com a mensagem que ela esperava há já alguns dias e que lhe diria o caminho a tomar para o Encontro Anual das Fadas. Mas, para grande espanto de Teodora, desta vez a mensagem do mago não vinha em papel de pergaminho, mas sim em algo com a forma de um dente gigante, todo preto e sem sinal de qualquer missiva.

Teodora estranhou aquele objecto que vinha acompanhado de uma pequena lixa de polir.

— O que faço eu com isto? — questionou-se.

— *Scrimshaw*!!! — exclamaram Robin e David, que apareceram naquele instante em cima da cama de Teodora.

— *Scrimshaw* é a palavra que está na tampa do baú — confirmou ela. — O que é que isso quer dizer?

— *Scrimshaw* é o nome dado à arte feita à mão em dentes e ossos de baleia — esclareceu Robin, o gnomo.

— Consiste em gravar nos dentes de cachalote vários desenhos que passam por cenas de caça à baleia, veleiros com velas enfunadas, sereias e outros — concluiu David, o duende.

— Estão a querer dizer-me que este objecto preto horrível é um dente de baleia? — questionou Teodora. — Onde está o lindo marfim dos dentes? Eu nunca vi marfim preto!!!

— Claro que o marfim não é preto — atalhou Robin. — Esse dente está pintado com tinta-da-china preta.

— Mas para quê? — inquiriu ela.

— Bem! O melhor é explicar-te a técnica de *scrimshaw* — começou David. — Pega-se num dente de baleia, pinta-se com tinta-da-china preta e deixa-se secar. De seguida, com um estilete de aço grava-se o desenho que se quer, deixando no dente um pequeno sulco branco. Volta-se a encher as ranhuras feitas pelo estilete com tinta e deixa-se secar.

— É nessa altura que vamos polir o dente e retirar a primeira tinta preta. O que sobra é o desenho — concluiu Robin.

— Queres dizer então que vou ter de polir este dente para encontrar a mensagem do mago? — retorquiu Teodora.

— Exactamente! — exclamou Robin, anuindo ao mesmo tempo com a cabeça.

Teodora pegou na pequena lixa que acompanhava o dente de baleia e começou a retirar a tinta preta. Ao fim de alguns segundos, o dente deixou de ter aquele aspecto horroroso para apresentar um belo desenho de uma paisagem onde se destacava uma enorme montanha que parecia um vulcão.

— Este desenho é lindo! — exclamou Teodora.

— É uma obra de arte — acrescentou David.

— Tudo isso é verdade, mas só com este desenho e não dizendo mais nada como vou adivinhar onde é o local do Encontro Anual? — questionou Teodora.

— Vê lá se não existe ainda algum espaço a polir? — questionou Robin.

Teodora observou com mais atenção o dente de baleia e verificou que na realidade havia um pequeno espaço que ela não polira. Sem perder tempo, a lixa deixou a descoberto um pequeno conjunto de letras.

— Macaronésia? Ínsula de Ventura? 27 de Setembro de 1957? — interrogou Teodora.

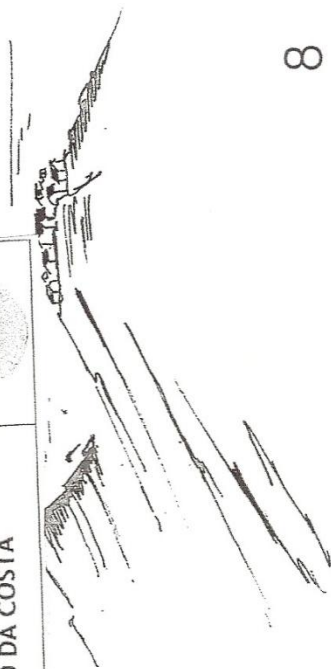
— Sabes o que é a Macaronésia? — questionou David.

— É aquele conjunto de ilhas do Pacífico onde estão incluídas as Filipinas, Indonésia, Papua-Nova Guiné e Polinésia? — perguntou Teodora franzindo o sobrolho.

— Não! Essas fazem parte da Micronésia — explicou Robin.

— A Macaronésia é um nome moderno para designar vários grupos de ilhas no oceano Atlântico Norte perto da Europa e do Norte de África. O nome vem do grego para «ilhas abençoadas».

«São ilhas de origem vulcânica produzidas por um ponto quente no oceano Atlântico, isto é, uma zona onde existe uma



19 nafaz de laredo

António Mota

8

O avô Pedro não vive em Louredo. Mora em Matos, um lugar bem distante do nosso.

Há muito tempo que a mãe andava a dizer que precisava de lhe fazer uma visita. Mas há sempre tanto trabalho, tantas tarefas, que a visita foi sendo adiada. Hoje, logo de manhãzinha, pusemo-nos a caminho, a mãe com o Vitor ao colo, o Zé, a Fernanda e eu.

Foi uma caminhada longa, sempre a subir por caminhos estreitos e pedregosos. Andámos a pé bastante tempo. Íamos mais ou menos a meio e o Zé começou a choramingar. Os sapa-

tos apertavam-lhe os pés. Para seguirmos viagem teve de ir descalço, não houve outro remédio.

Matos é um lugar pequenino. Fica num cimo, junto de penedos. Vê-se mesmo em frente a serra do Marão, que é muito extensa, bem diferente daquela manchinha que aparece no mapa da escola.

Como sempre, o avô Pedro estava à varanda, sentado num banquinho, a apanhar sol. Por isso tem a cara e o pescoço tão tismados. Tinha, como é costume, a barba, branca e ralinha, por cortar.

— Olá, passarões!, disse quando nos viu.

— A sua benção, avôzinho, dissemos em coro, como a mãe se farta de nos recomendar.

— Que Deus vos abençõe e vos crie para a boa sorte, disse ele.

A Fernanda e a mãe foram dar uma arranjadela àquela casa velha e desarrumadíssima, com o soalho cheio de lixo, nódoas e caganitas de rato, a roupa espalhada pelos cantos, e a cama por fazer, com os cobertores enrodilhados. Penso que o avô só se deita entre os lençóis esticadinhos e a cheirar bem quando a mãe lá vai...

— Podia ser mais cuidadoso, meu pai. Se lhe acontece qualquer coisa grave, e os vizinhos apare-

cem, o que é que vão dizer?!... barafustou a mãe.

— Ai, o fôgo está tão sujo! Ó avô, há quanto tempo não o limpa?, perguntou a Fernanda.

E ele a piscar-nos um olho e a sorrir:

— Deixa cá pensar... Foi... Sim, foi no dia de São Nunca à Tardinha!

O avô Pedro está velhinho, não tem cuidado com a limpeza, mas nós gostamos muito dele. Há tempos a mãe pensou levá-lo para nossa casa. Se ele morasse em Louredo sempre se distraía mais, comia melhor, andava limpo. Mas ele não concordou:

— Ora, ora... Cada mocho no seu souto! Não adianta começares com essa conversa. Se quiseres que acabe depressa, tira-me desta casa!

— Mas aqui sozinho...

— Quem te disse tal disparate? Eu nunca estou sozinho! Basta fechar os olhos por um instante e de repente esta casa fica cheia de gente. Vejo a minha mulher, converso com ela, vejo os meus filhos ainda pequenitos a brincar por esses cantos... A casa está sempre cheia de conversas, de barulho. Eu nunca estou sozinho!

É claro que o avô Pedro sonha com coisas passadas há muito tempo! Às vezes ouvimo-lo falar sozi-

nho, ou a rir. Uma vez chorava. E nós, aflitos:

— Que foi, avôzinho?

— Então ainda não sabeis da triste novidade?!
venho agora mesmo da corte das vacas. E sabeis o que vi? A vitela está esticada no estrume, fria como pedra. A vitela grande, a filha da Cabana, a vaca maior, está morta. E eu a pensar fazer um bom dinheiro nela... Depois havia de comprar um arado novo, o que temos está tão desconjuntado... e mercava roupas para as crianças, e uns socos para mim... Eu a pensar dar um jeito à vida, e agora?!...

Nós ficámos calados. Lembro-me que nesse dia o avô estava sentado à varanda, era um dia de sol, e ele parecia bem, arranjado, com a camisa e as calças lavadas que a mãe o obrigara a vestir. E calçava uns socos novos, de pau de amieiro que o pai comprara na feira.

Mas o avô Pedro também sabe muitas adivinhas. Quando começa nunca mais acaba, parece um fheiro de água a correr...

Nós, é claro, raramente acertamos, mas gostamos de ouvir. O avô, é certo e sabido, termina perguntando ao Zé:

— Ó melrinho, diz lá de que cor era o cavalo branco da tia Benedita? Pensa bem, olha que não é o

cavalo branco do Napoleão...

E o Zé, embatucado:

— Se fosse o Napoleão, já sabia!